

quanto tempo faltará
para o abismo?
mário cordeiro



SAÍDA DE EMERGÊNCIA
livros para fugir da rotina

DEDICATÓRIA

À memória de Herbert Pagani, poeta, pintor, escultor, ator, cantor, autor da ópera *Megalopolis*, em que, em 1975, anteviu a queda dos «Estados Unidos da Europa», pela cupidez de uma sociedade baseada apenas no faz de conta, no lucro e na tecnologia, um homem bom, ativista do judaísmo e do socialismo democrático, de quem posso dizer que me tornei amigo nos encontros que tivemos em Lisboa, e que morreu aos 44 anos, vitimado por uma leucemia fulminante.

Relembro um dos seus versos que muito me tocou, e que dedico à Catarina, que tanto me entusiasmou a publicar este livro:

*Gracias a la vida, merci l'existence
Pour ces yeux que j'ouvre quand le jour commence
Ils m'ont fait connaître l'océan, les plaines
Le soleil des routes et l'ombre des fontaines
Et parmi les femmes, la seule femme que j'aime.*

*E lucevan le stelle,
e olezzava la terra
stridea l'uscio dell'orto,
e un passo sfiorava la rena.
Entrava ella, fragrante,
mi cadea fra le braccia.
Oh! dolci baci, o languide carezze,
mentr'io fremente le belle forme discogliea dai veli!
Svani per sempre il sogno mio d'amore...
Lora e fuggita e muoio disperato!
E non ho amato mai tanto la vita!*

Área da ópera *Tosca*, de Puccini, com letra de Luigi Illica
e Giuseppe Giacosa

I

António não se lembrava muito bem de como acordara. Talvez tivesse sido despertado pelo ruído de um animal ou pelo chiar de uma carroça na rua. Fora, no entanto, um barulho suave ou, se calhar, até nenhum, porque acordara de modo lento e calmo, como se o despertar fosse a continuação lógica do sono, ambos parte do mesmo ato contínuo.

Levantara-se de forma discreta, subira os três pequenos degraus de acesso à janela e abriu-a de par em par; primeiro as grossas portadas de madeira, depois as vidraças.

A claridade súbita obrigara-o, por segundos, a fechar os olhos. Abriu-os depois, com lentidão, e logo se adaptara à luminosidade desse glorioso dia de maio. Nos lugares mais recônditos do vale havia ainda neblina, mas toda a aldeia, mais acima, estava banhada pelo sol quente da manhã primaveril.

António olhara na direção da igreja. A porta encontrava-se fechada, o que queria dizer que ainda não eram dez, pois todos os dias, a essa hora, quase fazendo da pontualidade a derradeira virtude, a beata Madalena atravessava a escassa centena de metros que separava a sua casa da igreja, tirava o grosso molho de chaves do avental e abria a porta, franqueando o «templo do Senhor» ao assalto das restantes devotas, para a reza do meio-dia, o terço das seis da tarde, e as ave-marias a Nossa Senhora, às nove da noite.

— Bons dias!

António voltou a cabeça, como que estonteado, abstraído que estava nos primeiros pensamentos do dia. Lá em baixo, na rua, a expressão irónica de Zé Azul aguardava a resposta.

— Bons dias! — repetiu.

— Deitei-me tarde... — exclamou António, como quem tenta arranjar uma desculpa por ter chegado atrasado às aulas.

— Ainda é cedo, ainda é cedo... — retorquiu Zé Azul, com uma certa dose de ironia na voz.

Levantava-se todos os dias pelas seis da manhã, para tirar as

ovelhas, levá-las ao pasto e dar a volta pelos pomares antes de começar o trabalho do dia. Conhecia cada uma das árvores até ao pormenor. Quando dizia «andou aqui gente», era certo que andara. Não havia raminho partido, erva pisada ou outro indício de pessoa ou animal que lhe escapasse. Zé Azul conhecia as árvores uma por uma e falava com elas, não que tivesse lido alguma vez as teorias que advogam o diálogo com as plantas — nem sequer sabia ler bem —, mas porque para ele, nascido e criado no campo, as árvores eram como as pessoas: seres vivos que para dar têm de receber.

Como António não respondesse logo, adiantou:

— Não faça caso, estava na brincadeira!

— Eu sei, eu sei — disse António sorrindo.

— Ouça — e Zé Azul falava agora para um António acordado —, o meu filho Henrique vem logo à tardinha da capital prò fim de semana. Não quer passar lá em casa para um cafezinho, depois do jantar, com a menina Catarina?

— Era boa ideia. — Porém, António foi lento na resposta, ou pelo menos denunciou alguma hesitação, pois Zé Azul retorquiu:

— Não é preciso dar-me a certeza já, mais logo me diz. — E continuou pela rua fora, levando às costas um saco com qualquer coisa que, a julgar pelo esforço que fazia, deveria ser pesada.

— Obrigado! — respondeu António entredentes, com certas dúvidas de que ele ainda pudesse ouvi-lo.

Voltou-se então para dentro. O sol entrava a jorros pela janela e incidia em cheio sobre a cama. Os cabelos de Catarina estavam mais loiros do que nunca. António viu o seu sorriso ensonado:

— Quem era? — indagou.

— Era o Zé Azul — respondeu ele, ainda no topo dos degraus que conduziam à janela. — Estava a meter-se comigo por acordarmos tarde.

— Ainda não é tarde — murmurou ela, e depois continuou: — Acho que ainda não é tarde... mas era só isso?

— Não, quer dizer... — António sentiu-se pouco à vontade — Estava a convidar-nos para ir tomar um café lá a casa depois do jantar. O Henrique vem este fim de semana e fazia gosto em estar connosco. — Lembrando-se de que com vinagre não se apanham moscas, António fez o seu melhor sorriso e a sua voz mais condescendente. — Mas se não quiseres ir...

Ela sorriu e anuiu:

— Vamos, vamos, se te apetece...

António sabia que Catarina não gostava de Henrique, ou se calhar não era bem isso, mas algo muitíssimo mais complicado. A questão era realmente diferente. Catarina gostava de Henrique, mas não conseguia aturá-lo — talvez fosse esta a maneira mais fácil e linear de explicar a situação. Ele, António, pelo contrário, simpatizava bastante com o filho de Zé Azul, mas apercebia-se, e quase compreendia, das razões por que Catarina se irritava com os modos de Henrique, apesar de o conhecer desde que nascera e de terem brincado juntos em crianças. Henrique era médico e trabalhava na capital, no Hospital Universitário. Acabara a especialidade de urologia dois anos antes e fora de imediato convidado para assistente da faculdade. Graças ao esforço de Zé Azul, mas também à sua enorme força de vontade, Henrique conseguira estudar e fazer o curso com classificações excelentes. Era um médico muito conceituado e todos lhe auguravam um doutoramento rápido e uma carreira brilhante. António não podia deixar de sentir admiração por Henrique, pelas dificuldades que este ultrapassara desde a infância, pelo seu enorme brio. Catarina, sem deixar de reconhecer todas estas qualidades ao filho de Zé Azul, não conseguia digerir o que considerava uma mudança de personalidade, «da humildade à arrogância em menos de um fósforo», como dizia. Amigos de infância, não podiam negar um grande carinho mútuo; pelo menos sabiam que poderiam contar um com o outro em alguma situação mais difícil. Tinham, contudo, discussões intermináveis sobre as respetivas conceções de vida, nomeadamente o viver no campo ou na cidade, e as virtudes da simplicidade ou do novo-riquismo, da frugalidade ou do *show-off*. Não eram meras discussões de circunstância, mas sim opiniões que expressavam conceções ideológicas profundas e diferentes. Assim, em certos assuntos, era impossível o consenso, e chegavam sempre a um ponto em que se contradiziam só pelo prazer de se contradizerem. Embora António tentasse, diplomaticamente, deitar água na fervura, a conversa era por vezes de tal forma ácida e exaltada que ele preferia retirar-se para o pé de Zé Azul e cavaquearem os dois sobre assuntos, quiçá mais corriqueiros, mas que lhe pareciam deveras mais interessantes.

...

— Logo se vê! — exclamou António, descendo os três degraus até ao nível do quarto.

Catarina mexeu-se um pouco na cama. Tinha a camisa de noite entreaberta, deixando ver um pouco do peito.

Ele abeirou-se dela e o seu ar calmo, ainda um pouco ensonado mas tão sensual, despertou-lhe desejo. Lembrou-se, no entanto, de que as crianças já deveriam estar acordadas e não tardariam a irromper pelo quarto para darem os bons-dias. Eram ainda muito pequenos — sete e seis anos — para se lembrarem de bater à porta. Catarina adivinhou-lhe os pensamentos e puxou-o para si.

António sorriu-lhe e deu-lhe um beijo prolongado nos lábios:

— Vou buscar-te o pequeno-almoço.

— Hum! — exclamou ela, manifestando o seu contentamento. — És um querido... — Depois de uns segundos, mudou de expressão, quase revelando apreensão: — Prometes ser sempre o mesmo querido? Não te fartas de mim?

— Se te portares bem... — disse o marido, já levantado, com voz terna.

Ela voltou a sorrir.

António encaminhava-se para a porta quando Catarina perguntou:

— Como é que te sentes?

A pergunta teve o efeito de um duche de água fria, fazendo-o acordar de vez. Esteve quase tentado a responder «Bem até há um minuto», mas Catarina fizera a pergunta com boa intenção, sem pretender feri-lo, disso tinha a certeza.

— Fino! — preferiu responder. — Aliás, com um dia destes não é difícil..

Voltou-se para admirar uma vez mais a cena: o sol entrando pela janela e Catarina de novo aninhada na cama, com os olhos muito azuis. Parecia indefesa, e a imagem de inocência inspirou-lhe uma mistura de ternura e tranquilidade.

Enquanto saía do quarto e se encaminhava para a casa de banho, António remoía ainda a pergunta: «Como é que te sentes?» No início acontecia uma coisa curiosa: se os amigos ou outras pessoas lha faziam, apetecia-lhe responder de forma cáustica, utilizando o calão técnico que tão bem conhecia: «Sem cefaleias, hipocondralgias ou equimoses...»

Contudo, porventura, cruzarem-se com ele e não perguntarem nada era ainda mais constrangedor.

Um dia, cerca de um ano depois de lhe ter sido diagnosticada a doença, um jornalista perguntou-lhe no decurso de uma mesa-redonda: «Tem medo de morrer?» António não compreendeu como é que um profissional podia ter feito uma pergunta dessas, revelando total ignorância sobre a vida da pessoa que estava a entrevistar e uma manifesta impreparação para moderar o debate. Não acreditava que ele lhe tivesse feito com sentido malévolo; a questão, aliás, até não era desprovida de lógica, já que vinha a propósito do seu último livro, escrito antes de adoecer, e no qual eram frequentes as referências à morte.

António, todavia, não atribuía a essas menções qualquer interpretação especial, pois a morte, como a vida, era um tema que considerava apaixonante e merecedor de um lugar de destaque nas suas referências literárias. De qualquer forma, fazer-lhe essa pergunta, em público, num programa de grande audiência, era no mínimo de mau gosto.

Depois de uns instantes de desconforto, a situação acabou por o divertir, porque a reação dos outros participantes foi caricata. O jornalista foi fuzilado pelos olhares mais reprovadores e apercebeu-se de que dissera uma qualquer inconveniência, pois não parou de olhar alternadamente para António e para os outros, como a tentar perceber, por entre as diversas expressões faciais, onde é que errara. António ia-se desmanchando a rir, ao ver toda aquela gente atrapalhada, mais do que ele próprio, e esteve quase para responder qualquer coisa como: «Bom, como é sabido, eu tenho um cancro...» Contudo, este tipo de resposta acabaria com a mesa-redonda e, pensando bem, o jornalista não a merecia, mesmo admitindo que fora inconveniente. Optou então pelo bom senso e disse: «Medo, não, teria pena... muita pena...» A resposta correspondia exatamente aos seus sentimentos.

O jornalista, dois dias depois, enviara-lhe um cartão, exprimindo «as suas mais respeitadas desculpas», o que acabou por enervar António mais do que o episódio em si. Decidiu ignorar o cartão, mas não deixou de sentir um grande aborrecimento com a situação, embora esperasse, mais cedo ou mais tarde, vir a habituar-se a ela.

O médico que o tratava era um amigo de longa data. Foram companheiros do liceu até à altura em que o amigo optara por medicina e

António por sociologia. Continuaram todavia a dar-se e jantavam juntos com frequência. Pedro, o médico, estava separado e tinha uma filha de oito anos que vivia com a mãe, estando com ele de quinze em quinze dias. Não fora um divórcio tempestuoso, mas, volta não volta, nos momentos mais críticos, Pedro aparecia em casa de António e desabafava horas a fio.

Não obstante a grande amizade que tinham um pelo outro, mantinham uma saudável relação médico-doente, se é que, sem fazer humor negro, se pode definir assim uma relação deste tipo. Tanto no hospital como no consultório, Pedro era o médico e António o doente, e cada um assumia o seu papel.

A princípio, o amigo estava pouco à vontade e repetia em cada consulta:

— Vê lá se queres consultar outro médico, eu por mim não me importo nada...

António sossegara-o e dissera:

— Embora não seja médico, sei ver como é que as coisas são e toda a gente me diz que és capaz de me tratar. Para lá disso, já te conheço há um montão de tempo e sei que és rigoroso e honesto para, se tiveres alguma dúvida, seres tu próprio a falar com um colega, de maneira que assim poupas-me uma data de tempo e de chatices.

Fora uma maneira polida e eficaz de resolver uma situação natural.

No dia em que António suspendera o tratamento, cerca de quatro anos depois de o ter iniciado, passara pelo consultório de Pedro e tiveram uma longa conversa. A última pergunta que António colocou fora a do costume:

— E agora?

O amigo fora bem claro:

— Olha, António, não vou dizer que vais durar três semanas, três meses ou trinta anos. Se soubesse, montava já uma barraquinha ali fora e ganhava com certeza mais como bruxo do que nesta profissão. Mas, agora a sério, já te disse várias vezes que neste momento estás em remissão e, das duas, uma, ou continuas assim e é natural que fiques curado, ou essa coisa volta e não te escondo que é bastante mais complicado do que na primeira vez. De qualquer forma, como não se pode saber de antemão, faz a tua vida normal e fica é de sobreaviso para, se te aparecer algum sintoma, vires logo cá... mas sem stresse nem fundamentalismos...

— Rira. — Espirrar é normal, de maneira que não me apareças aqui só porque espirraste! — E continuou: — Só passados cinco anos é que podemos ter mais certezas. Infelizmente, não posso dar-tas, porque a medicina não é uma ciência exata e os imponderáveis são muitos... mas deixa correr o marfim e, por favor, não te esqueças das revisões e das análises, e sabes que podes contar comigo a qualquer momento. Tens os meus contactos todos!

António gostou do bom senso do amigo e achou que estava bem entregue.

Medo, não, pena... só uma enorme pena...

II

Pena... sim, vais ter de penar. Como bom poeta usaste o verbo correto.

Mas... não terão todos pena? A finitude da vida é a nossa angústia existencial. A nossa, não, que eu sou Eterna. A vossa.

Sabias, António, que desde os dezoito meses que andas num jogo de rato e gato comigo? É, meu caro.

Não te surpreendas, portanto. Pena tens tu desde que, pela primeira vez, tiveste um terror noturno, um «sonho mau», a inquietação de que «algo iria acontecer».

Quis a Natureza que vocês vivessem, na melhor das hipóteses, um sexto do tempo de um saco de plástico. Mas invés de te revoltares, que tal pensares de uma forma diferente cada vez que pegares num saco de plástico?

Conselho de amiga que tanto te quer. Tanto que, mais tarde ou mais cedo, nos abraçaremos até à Eternidade.

A vida é finita... assume essa finitude como certeza, a única que tens.

Quando estavas na barriga da tua mãe, a única hipótese foi viver. No momento em que respiraste o ar, em que os teus pulmões se expandiram, como num autêntico waterboarding mas ao contrário, em que cortaram o teu cordão que garantia a dependência, começaste a autonomia e o caminho que te leva até mim.

Na barriga da tua mãe, a resposta era viver; depois de saíres de lá, a única resposta é morrer. Irónico, não é? Cruel mas ao mesmo tempo tão certo, tão exato, que quase consegue ser divertido...

III

Abriu a janela da casa de banho. Dali avistava-se o campo. As acácias ainda estavam floridas e formavam uma grande mancha branca e rosada. Vinha dos pinhais um cheiro agradável. António foi invadido por um doce torpor.

Enquanto fazia a barba e se lavava, pensou na opção que tinham feito em ir viver para a Quinta da Várzea. As respetivas profissões não tinham sido um obstáculo; ele, escritor, ela, pintora. Alguns amigos até se admiravam como é que não tinham tomado essa decisão mais cedo, como se fosse obrigatório um escritor e uma pintora viverem fora da cidade, «em comunhão com a natureza», para se calhar produzirem «mais e melhor».

António pensou em Henrique, o filho de Zé Azul, e na sua paixão pela cidade. Com Catarina passava-se o contrário. Habitara-se a passar longas temporadas na quinta e, embora gostasse do apartamento que tinham na capital, às vezes fartava-se da vida urbana e tinha de vir «recarregar as baterias» à quinta, nem que fosse por um dia ou dois. António gostava muito dos dois tipos de vida e não conseguia passar sem qualquer deles.

A quinta situava-se numa aldeia perto do mar e distava seis quilómetros da vila mais próxima. Tinham vindo viver para a pequena aldeia dois anos antes, ainda António estava em tratamento, deslocando-se então à capital para os exames de controlo. As crianças tinham-se adaptado sem sobressaltos e frequentavam a escola primária local, que era de muito boa qualidade.

«A “Revolução Verde” apanhou-me ainda de cueiros», dizia António em tom de brincadeira quando lhe atribuíam motivações ecologistas para a mudança de residência. Embora grande apreciador da Natureza — à semelhança da morte, um dos temas major dos seus poemas —, António tinha ideias muito próprias acerca da ecologia e, reconhecendo no ser humano a sua condição de animal predador, considerava inevitável a sua interferência no meio ambiente, embora salvaguardasse que, por ser inteligente, pudesse mais protegê-lo do

que destruí-lo e controlar a «fome destruidora da cupidez e da estupidez», como gostava de realçar.

A vinda para a quinta tinha sido objeto de consenso. Talvez a doença tivesse desempenhado um papel decisivo na mudança no seu estilo de vida, pois António estava farto das meias-palavras, dos entreolhares, da «síndrome de bicho raro» que marcava a atitude que a maior parte das pessoas tinha para com ele, honra seja feita a meia dúzia de amigos e à família mais chegada.

Fora uma opção acertada.

Absorto nos seus pensamentos, António cortou-se. A visão da gota de sangue na face causou-lhe um arrepio, maior do que o provocado pela dor fina e aguda do corte. Enquanto fazia pressão com uma ponta da toalha de linho branco ficou por momentos encostado à centenária banheira de pés de tigre.

A voz de Catarina fez-se ouvir:

— Então esse pequeno-almoço... era só uma promessa eleitoral?

— Está quase, minha querida — respondeu ele e, momentos depois, já barbeado e lavado, desceu à cozinha para preparar o pequeno-almoço dos dois.